



ADAMOU, Evangelia. *Endangered languages*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2024. 153p.
ISBN 978-0-262-37919-9

Recenzieado por João Carlos de Almeida

ORCID: 0000-0002-6141-2733

O livro *Endangered Language* de autoria de Evangelia Adamou busca conscientizar o leitor da urgência de medidas em prol da salvaguarda das línguas ameaçadas. Nele a autora expressa sua experiência profissional como linguista e sua experiência pessoal como descendente de uma família falante de uma variante do Balcã Eslavo. Como conta, seu interesse por línguas ameaçadas foi despertado quando ouviu sua avó falar com sua mãe nessa língua que, outrora, não entendia. Trata-se de uma obra dedicada ao público geral, abordando as questões principais do tema com dados atualizados. O livro traz exemplos científicos, inclusive de pesquisa própria, mas o faz com um nível de explicação que almeja um público mais abrangente. Nesse sentido, cumpre bem o papel de sensibilizar o leitor dos processos que levam à ameaça linguística. Outro fator de destaque na obra é a presença da subjetividade autoral de uma membra de uma comunidade falante de uma língua minoritária. Essa intimidade com o tema se mostra presente ao perceber as dinâmicas atuais de recuperação e revitalização de línguas minoritárias, levando em conta as demandas das comunidades e, principalmente, propondo soluções que tomem estas como ponto de partida.

O livro se divide em oito capítulos. O primeiro se pergunta o que é uma língua? Além de ser uma ferramenta de comunicação, as línguas também expressam pertencimento, tema constante no livro. A autora destaca que, mesmo que o último falante de uma língua venha a falecer, a língua pode continuar circulando através de textos, permitindo o seu resgate. Nesse contexto é sugerido o termo “dormente” (p.11), para línguas não mais faladas, pois elas podem ser resgatadas por uma comunidade linguística. Ainda neste capítulo, são apresentados os seguintes dados atualizados: temos sete mil línguas para oito bilhões de pessoas, sendo que somente poucos

milhões são responsáveis por mais de noventa por cento de todas as línguas faladas. Do total de línguas, cinquenta e oito por cento estão ameaçadas e, aproximadamente, dez por cento possuem menos de dez falantes guardiões – as mais propensas a se tornarem dormente nos próximos anos. A autora ainda define como as línguas são contadas e nomeadas, além dos critérios para se considerar uma língua ameaçada como, por exemplo, a vitalidade da transmissão intergeracional, o número de falantes e sinalizadores (no caso de língua de sinais) e os domínios em que essas línguas são faladas.

O segundo capítulo, mais descritivo, questiona onde as línguas ameaçadas são encontradas. As seções para cada continente apresentam dados atualizados das quantidades de línguas faladas e uma lista daquelas mais ameaçadas. Já o terceiro capítulo se intitula: quando uma língua não é mais usada pela comunidade? O mais comum é que fatores sociais tenham mais impacto na diversidade linguística. Nesse capítulo se destaca a vida nos estados-nações que, geralmente, leva à uma ideologia monolíngue, e o colonialismo como fator que contribuiu para um processo de homogeneização linguística, gerando interrupção na transmissão intergeracional, morte e remoções forçadas de povos indígenas. Se a ameaça sofrida por comunidades linguísticas merece ser destacada, é porque o direito à linguagem ancestral deve ser garantido. Essa é uma das colocações utilizadas pela autora quando se pergunta, no quarto capítulo, por que importa se uma língua não é mais usada? Além do direito garantido, a língua nativa pode ter, também, um impacto positivo no bem-estar de seus falantes. Segundo Adamou, “falhar em abraçar a diversidade linguística significa falhar em entender como as línguas humanas são usadas e como elas representam o mundo.” (p.66)

O capítulo seguinte trata de como as comunidades e os governos apoiam as línguas ameaçadas. O resgate linguístico deve ser liderado pela comunidade, fator que a autora reforça em diferentes partes do livro. São apresentadas experiências com abordagens variadas que vão desde métodos de imersão até o uso de redes sociais na internet. Nessas experiências o processo de resgate trouxe um aumento no orgulho da comunidade, bem como a coocorrência de um resgate político e cultural. Os governos também possuem grande poder de influência no destino das línguas minoritárias, especialmente cabendo a esses o reconhecimento oficial das línguas. Porém, como o caso da língua Māori, da Nova Zelândia, processos de resgates devem ser liderados pela comunidade e apoiados pelos governos.

A partir do sexto capítulo, o livro passa de um foco mais expositivo para um viés propositivo, como que incentivando e orientando a pesquisa e o resgate linguístico. É nesse contexto que a autora descreve o processo de quando linguistas e praticantes estudam línguas ameaçadas. A autodeterminação dos povos e a ética em pesquisa com povos indígenas se mostram pautas importantes. Deve-se também se atentar às novas gerações para que possam, porventura, estar aprendendo a língua, ao invés do foco exclusivo em mestres anciões como um “último falante ideal”. Sobre este ponto, a autora acredita que os estudos devem incluir toda a comunidade, oferecendo novas perspectivas e ressaltando o fato que os modos de pensar não desaparecem. Se os usuários de línguas ameaçadas podem sofrer de atrito linguístico (quando vão perdendo léxico ao não praticar mais), o estudo dessas pode colaborar para uma reativação deste conhecimento. Para finalizar o capítulo a autora descreve os três principais produtos do estudo de línguas ameaçadas: gramática, dicionário e compilação de histórias.

Um dos méritos deste livro é a publicação das atualizações neste campo que vêm sendo debatido intensivamente desde, pelo menos, a década de 1980 (DORIAN, 1989; SEKI, 1984), e um dos exemplos disso é como a autora trata as línguas ameaçadas em um mundo digital, no sétimo capítulo. É aqui que os dados da presença *on-line* são expostos, confirmado que a maior parte dos conteúdos da internet está em poucas línguas oficiais. É nesse espaço digital vazio que diversas iniciativas lideradas por comunidades vêm tentando se estabelecer. O fato de tornar um arquivo digital, sendo ele disponível na internet ou não, é uma ação imprescindível ao estudar línguas ameaçadas, sendo, atualmente, a forma mais segura de resguardar acesso às gerações futuras. Os dados presentes nos arquivos devem estar sujeitos às regras estabelecidas pelo povo ou comunidade em que foram coletados, garantindo a soberania dos dados indígenas.

O oitavo capítulo – multilinguismo como resolução – envia uma mensagem assertiva de um horizonte palpável para lidar com o enfraquecimento no uso de uma língua. A própria trajetória biográfica da autora ilustra bem o tema do capítulo, pois, nos Balcãs, “podemos encontrar falantes de duas famílias linguísticas: Turco e Indo-Europeu, representadas por diferentes agrupamentos linguísticos como Albanês, Armênico, Grego, Índico, Romântico e Eslavo” (p. 116). Em muitos lugares do mundo, existem pessoas bilingues ou multilíngues, como no Brasil (MONOD-BECQUELIN, 1970; SEKI, 1999). O cenário desejado é o que não seja mais necessário optar por uma língua dominante ou uma língua minoritária, mas, sim utilizá-las,

ambas, de acordo com a necessidade, inclusive para se conectar com os ancestrais. Apesar da crença antiga de que o bilinguismo poderia atrasar o desenvolvimento de uma criança, hoje, está cientificamente comprovado que tal prática acarreta diversos benefícios sociais e cognitivos. Se o capítulo anterior é mais propulsivo, a conclusão é uma exortação aos novos e antigos pesquisadores em línguas indígenas. Nesta última parte, a autora finaliza seu livro com dicas para promover a diversidade linguística que vão desde ouvir músicas indígenas até se envolver na documentação linguística.

O livro de Adamou é uma importante ferramenta no cenário brasileiro onde existem iniciativas de revitalização linguística (*cf.* VIEGAS, 2014). Sua elaboração da língua não mais falada como “dormente”, em vez de usar o termo “extinta”¹, segue uma tendência que já vimos entre os Kariri de Alagoas. Segundo Idiane Crudzá, seu “idioma, ele apenas sofreu um processo de adormecimento como estratégia para resistir à perseguição que no passado era muita”. Apesar de “dormente” no uso social, “ele foi mantido vivo em nosso ritual sagrado e hoje somos livres para falar sem medo” (*appud.* BONFIM; DURAZZO; AGUIAR, 2021, p. 618). Os contextos de regiões brasileiras e dos Balcãs europeus apontam para o multilinguismo como saída para a preservação da riqueza linguística presente em nossa diversidade.

Referências

BONFIM, Evandro de Sousa.; DURAZZO, Leandro.; AGUIAR, Maycon Silva. 2021. Nas palavras dos povos, um multilinguismo. *Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 6, n. 2, p. 606–655.

CRYSTAL, David. 2002. *Language death*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

DORIAN, Nancy. C. (ED.).1989. *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*. Cambridge: Cambridge university press.

MONOD-BECQUELIN, Aurore. 1970. Multilingualism des Indiens Trumai du Haut-Xingu (Brésil central). *Langages*, p. 78–94.

SEKI, Lucy. 1984. Problemas no estudo de uma língua em extinção. *Boletim da ABRALIN*, v. 6, p. 109–118.

¹ Considero, neste, o maior avanço do livro no debate, quando comparado com obras anteriores dedicadas ao mesmo tema (*cf.* CRYSTAL, 2002).

SEKI, Lucy. 1999. The Upper Xingu as an incipient linguistic area. Em: DIXON, R. M. W.; AİKHENVAL'D, A. I. (Eds.). *The Amazonian languages. Cambridge language surveys*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, p. 417–430.

VIEGAS, Chandra Wood. 2014. Línguas em rede: para o fortalecimento da língua e da cultura Kokama. Tese de Doutorado em Linguística—Brasília: Universidade de Brasília.